

# A TEORIA DO DIALOGISMO DE BAKHTIN E A POLIFONIA DE DUCROT: PONTOS DE CONTATO

Elaine Cristina Medeiros Frossard

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor uma aproximação entre as teorias de dois estudiosos da linguagem, Mikhail Bakhtin e Oswald Ducrot. Levando em conta que esses autores se situam em postos teóricos distintos, já que a abordagem de um ultrapassa a consideração da forma linguística, e o trabalho desenvolvido pelo outro prioriza o estudo da língua, busca-se levantar os pontos em que essas teorias, a princípio, tão distintas, se aproximam. Para tanto, foram consideradas a Teoria do Dialogismo, desenvolvida por Bakhtin (1929/1999, 1929/2005, 1979/2003), e algumas noções da Semântica Enunciativa, postuladas por Ducrot (1980, 1984/1987), a fim de evidenciar a possibilidade de um diálogo entre tais teorias. Trata-se de um trabalho interpretativo e qualitativo em que os parâmetros levantados a partir da proposta dos dois autores parecem confirmar a existência de pontos de contato entre o dialogismo bakhtiniano e a teoria polifônica de Ducrot.

Palavras-chave: Polifonia, dialogismo, aproximação.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo da diversidade de vozes presentes em um discurso tem sido desenvolvido por diversos pesquisadores de áreas, muitas vezes, bastante distintas. A tese que pregava a unicidade do sujeito da enunciação ganhou, em especial nas últimas décadas, muitos contraditores, os quais defendem que não se pode conceber um único sujeito em um discurso, mas uma multiplicidade de vozes é constitutiva de todo e qualquer discurso.

Este trabalho<sup>1</sup> se propõe a pôr em evidência dois desses estudiosos cujos postulados contribuíram de forma inigualável para o estabelecimento, nos estudos linguísticos, de uma visão que concebesse a pluralidade enunciativa. Esses teóricos são Mikhail Bakhtin, pensador russo cujos trabalhos só foram divulgados e conhecidos no Ocidente décadas após terem sido escritos, e Oswald Ducrot, linguista francês que, apesar de ter base estruturalista, estudou os enunciados a partir de um ponto de vista dialógico.

Ambos os autores rejeitam a tese da unicidade do sujeito, já que argumentam a favor de um entrecruzamento de vozes na constituição do discurso, todavia, Bakhtin lançou essa idéia décadas antes de Ducrot, o qual, a saber, buscou respaldo no pensador russo para desenvolver sua teoria polifônica da enunciação.

Leva-se em conta, porém, que, mesmo apresentando uma visão dialógica com relação ao estudo do discurso, Bakhtin e Ducrot trabalham com perspectivas um tanto quanto distintas, já que um promove um estudo que considera fatores externos à língua, enquanto o outro estuda aspectos estritamente linguísticos a fim de analisar as diferentes vozes presentes em um mesmo enunciado.

O que este breve estudo busca investigar são os pontos que, em meio a tantas diferenças, acabam por aproximar o dialogismo bakhtiniano e a teoria polifônica de Ducrot, tornando possível um diálogo entre essas teorias e, quem sabe, até o desenvolvimento de pesquisas que levem em consideração um trabalho conjunto entre as mesmas.

Para o desenvolvimento deste estudo, conceitos referentes à Teoria do Dialogismo de Bakhtin (1929/1999, 1929/2005, 1979/2003)<sup>2</sup> e algumas

---

<sup>1</sup> As reflexões apresentadas neste estudo constituem parte do texto elaborado para fins de exame de qualificação e apresentado ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em estudos linguísticos do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, em 2007

<sup>2</sup> Durante todo este trabalho, são apresentadas duas datas na referência das principais obras que dão sustentação a este estudo. A primeira data refere-se à edição original da obra, e a segunda corresponde à edição consultada e da qual as citações presentes no texto foram retiradas.

concepções postuladas por Ducrot (1980, 1984/1987) dentro do quadro da Semântica Enunciativa foram aproveitados.

Constam neste trabalho uma breve exposição da concepção dialógica de linguagem de Bakhtin, além da apresentação de alguns pontos importantes da teoria polifônica de Ducrot. Expõe-se, ainda, o modo como esses autores, mesmo situados em postos teóricos distintos, desenvolvem teorias que abrem espaço para uma possível aproximação, fator, aliás, que motivou o desenvolvimento deste estudo, uma vez que as atuais pesquisas linguísticas têm privilegiado tanto elementos internos como externos à língua, e um trabalho conjunto entre os postulados bakhtinianos e ducrotianos vem ao encontro dessa direção tomada pelos estudos de linguagem.

## 2. BAKHTIN E SUA RELAÇÃO COM A LINGUÍSTICA

A partir do momento em que os postulados de Mikhail Bakhtin<sup>3</sup> e seu círculo passaram a ser conhecidos por estudiosos da linguagem no Ocidente, os estudos linguísticos, tal como eram realizados, sofreram grandes modificações. As idéias do pensador russo foram responsáveis pela ampliação de noções há décadas estabelecidas e inalteradas. É certo que muitos conceitos já estavam em processo de transformação, no entanto, o acesso às obras bakhtinianas serviu de respaldo àqueles que já vinham lançando um olhar diferente sobre muitas questões relacionadas ao estudo da linguagem.

A visão inovadora dos trabalhos de Bakhtin pode ser observada desde seus primeiros textos, visto que, desde suas primeiras obras, o autor deixa claro que o modo como entende a língua é bastante distinto da forma como esta vinha sendo concebida nos estudos linguísticos. Recusando-se, então, a definir a língua como um sistema estruturado, exterior ao indivíduo e perfeitamente analisável isoladamente, como o

---

<sup>3</sup> Estudioso russo que desenvolveu seus primeiros textos na década de 1920 e que entendia como princípio fundamental da linguagem o dialogismo. Devido à dificuldade de divulgação de textos na União Soviética no início do século XX, as obras desse autor só foram conhecidas no Ocidente após a década de 60, atingindo grande prestígio da década de 1980 aos dias atuais.

faziam os seguidores de Saussure, Bakhtin estabeleceu que seus estudos não estavam situados no campo da Linguística, mas se encontravam no interior de uma nova ciência, a Metalinguística/Translinguística<sup>4</sup>.

O objeto dessa nova ciência era o discurso, *a língua em sua integridade concreta e viva*. E, levando em conta que a concepção de língua de Bakhtin está relacionada à noção de interação verbal, já que *a interação verbal constitui [...] a realidade fundamental da língua* (Bakhtin, 1929/1999, p.123), pode-se entender que um estudo que conceba a língua como estrutura não é, de fato, apropriado para o desenvolvimento de um trabalho que leve em conta relações dialógicas, relações entre o *eu* e o *outro*. Sendo assim, Bakhtin deixa claro que:

[...] a Linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalinguística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. (BAKHTIN, 1929/2005, p.183, grifos do autor)

Dessa forma, o autor apresenta a Metalinguística/Translinguística como a ciência apropriada para dar conta de um estudo do discurso, baseado em relações dialógicas.

Com efeito, para Bakhtin, a concepção dialógica de língua, linguagem e, até mesmo de vida, é fator essencial para o desenvolvimento de qualquer estudo no campo da linguagem. Para esse autor, participa-se constantemente de um diálogo; e a interação com o outro é inevitável, já que o *eu* constitui esse outro e é por ele constituído, ou seja, o dialogismo é o princípio básico da existência humana.

---

<sup>4</sup> Entende-se que o termo Translinguística é mais apropriado para referir a um estudo da linguagem que ultrapasse o objetivo da Linguística Estruturalista. Entretanto, como na maioria das traduções das obras de Bakhtin a designação dada à nova ciência na qual o teórico russo insere seus estudos é Metalinguística, busca-se empregar, neste trabalho, ambos os termos.

Baseado, então, nesse princípio dialógico, o teórico russo desenvolveu uma série de investigações, apresentando uma variedade de definições que tinham como pano de fundo a dialogia. Dentre essas definições, é importante destacar a *polifonia*.

Após uma série de investigações, Bakhtin chegou à conclusão de que todo texto apresenta, de fato, um caráter dialógico. Todo texto resulta, de acordo com o pensador russo, do encontro de várias vozes, embora alguns produzam um efeito de polifonia, enquanto outros parecem ser monofônicos. Segundo Barros (2003, p.6), tanto a monofonia, quanto a polifonia de um texto são “efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição dialógicos”, ou seja, são efeitos gerados em decorrência das estratégias discursivas acionadas. Assim, os textos caracterizados como polifônicos são aqueles em que as várias vozes que os constituem se explicitam, deixam-se perceber e falam sem que uma dentre elas necessariamente prevaleça. Por outro lado, os textos “monofônicos” são dessa forma caracterizados pelo fato de que as vozes que os compõem não se mostram, mas *se ocultam sob a aparência de uma única voz*. Desse modo, o que Bakhtin defende é que qualquer discurso é permeado por palavras ou idéias de outrem, mas essas outras vozes podem ser assimiladas, citadas ou refutadas em um discurso de forma explícita, como acontece nos romances de Dostoiévski; ou podem ser disfarçadas sob o aspecto de um discurso monológico. (Bakhtin, 1979/2003, p. 199-201)

Exatamente na obra em que trata dos textos polifônicos de Dostoiévski, Bakhtin propõe, pela primeira vez, uma abordagem dialógica do discurso, como podemos observar no seguinte trecho:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela Linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas

na Metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da Linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem aplicar os seus resultados. A Linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência. (BAKHTIN, 1929/2005, p.181)

Mais do que sua proposta de uma “análise” dialógica do discurso, chama atenção, nas palavras de Bakhtin, o fato de que, mesmo não inserindo seus estudos no campo da Linguística propriamente dita, o autor sugere que as pesquisas metalinguísticas/translinguísticas, dentre as quais situa suas análises, não podem ignorar os resultados da Linguística, ou seja, o teórico russo não descarta os fundamentos linguísticos, mesmo trabalhando com a linguagem em uso, objeto inimaginável no interior da Linguística de base estruturalista, que predominava à época.

É interessante essa ressalva de Bakhtin com respeito aos resultados da Linguística, uma vez que sua análise toma o exterior linguístico como aspecto a ser considerado nos estudos que têm como matéria-prima a linguagem. Dizendo de outro modo, Bakhtin propõe uma aproximação teórica, pois, mesmo defendendo uma abordagem dialógica do discurso, sugere que se apliquem resultados conseguidos num referencial teórico distinto de seu posto de observação, os resultados da Linguística.

Ora, o que Bakhtin parece querer explicitar é que se o discurso (ou a língua em sua integridade concreta e viva) não pode ser estudado de forma exclusivamente interna, numa perspectiva unicamente intralinguística, tampouco pode prescindir dela, uma vez que as relações dialógicas

[...] são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria. Para tornarem-se dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, passar para outro

campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa. (BAKHTIN, 1929/2005, p. 184)

Bakhtin trabalha, então, com a noção de discurso como campo de manifestação das relações dialógicas, mas também admite a idéia de que, apesar de não poder ser entendido como objeto inteiramente linguístico, o discurso não é um objeto exclusivamente social.

Entende-se, dessa forma, que Bakhtin tanto leva em conta, para conceber e estudar a linguagem, aspectos contextuais e, portanto, que não estão internamente inseridos na língua, uma vez que, para ele, *as relações dialógicas são extralinguísticas*, como reconhece a legitimidade do estudo propriamente linguístico cujos resultados devem ser “aproveitados na análise dialógica”. A respeito dessa proposta de estudo de Bakhtin, Brait (2006, p. 13) declara:

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá [...] herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados.

De qualquer modo, o que não se pode negar, é que, considerando fatores externos ou internos à língua, o que interessa ao teórico russo é a constituição dialógica do discurso. E, é necessário admitir que, instituindo o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, Bakhtin engendrou uma nova maneira de estudar o discurso, abrindo espaço para a consideração da voz alheia, do *outro* que perpassa inevitavelmente o discurso do *eu* e, desse modo, contribuiu de forma imensurável para o encaminhamento de diversos estudos linguísticos que passaram a levar em conta o caráter dialógico da linguagem.

### 3. DUCROT E O DIALOGISMO BAKHTINIANO

De acordo com Bakhtin, a Linguística não poderia desempenhar com êxito a tarefa de estudar a linguagem levando em conta sua constituição dialógica, uma vez que fatores extralinguísticos deveriam ser levados em conta para o desenvolvimento desse estudo. Todavia, contrariando as hipóteses do introdutor do princípio dialógico no campo da linguagem, Oswald Ducrot, inspirado no princípio dialógico de Bakhtin, desenvolveu uma teoria polifônica da enunciação, tomando por base traços linguísticos do enunciado.

O linguista francês, que tem raízes epistemológicas fincadas no estruturalismo saussuriano, entendeu que é possível haver mais de um sujeito em um discurso, como asseverava Bakhtin e, mais do que isso, afirmou ser perfeitamente possível estarem presentes em um único enunciado vários sujeitos. Desse modo, Ducrot desenvolveu a noção bakhtiniana de polifonia dentro do campo teórico da Linguística.

O conceito de polifonia está presente na teoria de Ducrot desde suas primeiras obras, especificamente, desde *Les Mots du Discours* (1980). Nessa época, o teórico distinguia dois tipos de sujeito, o locutor e os enunciadorees, sendo que o primeiro era entendido como o responsável pelo que é dito e os últimos como os autores dos atos ilocutórios.

De fato, desde que começou a trabalhar com a noção de atos ilocutórios, a teoria de Ducrot já aponta para uma perspectiva interativa, uma vez que, para ele, os atos ilocutórios são entendidos como atos jurídicos, já que, ao serem produzidos, criam, para o interlocutor, uma obrigação socialmente normatizada. Assim, uma pergunta, por exemplo, obriga a produção de uma resposta, ou, ainda, uma ordem, obriga a execução do que foi ordenado. É, então, notável, nessa concepção de ato jurídico, um direcionamento interativo, visto que sempre há, na produção desse tipo de ato, uma interação entre indivíduos distintos, uma interação entre o produtor e o destinatário do referido ato.

Com o desenvolvimento de seus estudos, porém, Ducrot reformula suas concepções, e desloca o foco de interesse que estava na questão



interacional, como tratada na noção de ato jurídico, para um estudo semântico no interior do enunciado, a fim de investigar as vozes aí presentes.

A noção de locutor, então, é ampliada, e duas subdivisões são estabelecidas no interior dessa noção: o locutor enquanto responsável pela enunciação (*L*) e o locutor enquanto ser do mundo ( $\lambda$ ), como melhor explica o próprio autor:

*L* é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade.  $\lambda$  é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado – o que não impede que *L* e  $\lambda$  sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado, e cujo estatuto metodológico é, pois, totalmente diferente daquele do sujeito falante [...]. (DUCROT, 1984/1987, p. 188)

A concepção de enunciadores também sofreu alterações no desenvolvimento da teoria polifônica de Ducrot. Esses sujeitos não são mais caracterizados como sendo os autores dos atos ilocutórios, até mesmo porque, nesse momento de suas formulações, Ducrot (1984/1987) entende que os enunciadores não expressam palavras, mas são vozes implícitas que expressam pontos de vista, os quais são organizados pelo locutor. A respeito dessa reformulação de conceitos desenvolvida por Ducrot, Barbisan e Teixeira (2002) declaram:

Na concepção de 1984, o autor diz que as vozes veiculadas através da enunciação expressam pontos de vista que o locutor organiza para identificar-se com os mesmos ou para se opor a eles. Essas vozes não são explicitadas. Sua existência é decorrente da imagem que delas oferece a enunciação produzida por [*L*]. Os enunciadores são seres considerados com se expressando através da enunciação, sem que para tanto lhe sejam atribuídas palavras precisas. Diz-se que eles *falam*, mas somente no sentido em que a enunciação expressa seu ponto de vista, sua posição, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. Portanto, eles não podem produzir atos ilocutórios. (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p. 168)

Desse modo, entende-se que Ducrot reformula suas concepções e deixa mais clara a distinção entre locutores e enunciadores, uma vez que atribui a esses últimos a propriedade de veicularem pontos de vista diversos, mas não de produzirem efetivamente palavras.

Parece óbvio que esse desdobramento de interlocutores postulado por Ducrot tornou possível estudar o fenômeno polifônico à luz da Linguística, entretanto, para isso, o conceito de Linguística teve que incluir uma visão dialógica da linguagem, ou seja, o trabalho desenvolvido pelo teórico francês trabalha de fato com a língua, não se prendendo a aspectos exteriores, mas considera a alteridade como fator constitutivo da atividade linguística.

Levando, então, em conta a pluralidade enunciativa, Ducrot lança um novo olhar sobre temas como a pressuposição, o estudo da negação, da ironia, da argumentação, dentre outros. E, pode-se dizer que é analisando tais temas por um aspecto dialógico que Ducrot percebe que ao dar voz a diferentes enunciadores, o locutor pode assumir posições distintas com relação a esses pontos de vista expressos no enunciado. A respeito dessas posições, Barbisan e Teixeira (2002, p.170), baseadas nos postulados ducrotianos, afirmam:

Há três posições possíveis: aquela em que o locutor se identifica com um dos enunciadores, como é o caso da asserção; aquela em que ele o aprova, como no exemplo da pressuposição; finalmente aquela em que há oposição entre locutor e enunciador, como acontece no humor.

Entretanto, o posicionamento assumido por *L* depende, segundo Ducrot, das intenções do locutor, o qual tanto pode organizar perspectivas diferentes a fim de reforçar sua posição, dando, assim, voz a certo ponto de vista a fim de mostrar sua falibilidade, por exemplo; como pode fazer ouvir uma voz que representa certo grupo ou classe social com a qual concorda. Entende-se que, nesse ponto, Ducrot está muito próximo do dialogismo bakhtiniano, só que de um dialogismo perscrutado “de dentro”, enquanto o de Bakhtin é perscrutado “de fora”. Contudo, fica a questão: é viável distinguir, nos atuais estudos de linguagem, o que é “de dentro” e o que é “de fora”?

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrelaçamento de aspectos intralinguísticos e extralinguísticos tem sido uma perspectiva frequente nos atuais estudos de linguagem, visto que, buscando investigar cada vez mais profunda e audaciosamente, a fim de abranger o maior número de sentidos possíveis em um texto, linguistas e outros estudiosos da linguagem têm lançado um olhar atento tanto para a forma linguística, quanto para aspectos que, apontados pela própria língua, são externos ao texto, como contexto enunciativo e história, dentre outros.

Estando Bakhtin e Ducrot situados em postos teóricos, à primeira vista, opostos, o presente texto buscou explicitar o fato de que, mesmo priorizando um trabalho que aproveita fatores extralinguísticos, tais como cultura, história, ideologia, contexto social, etc., o pensador russo admite o aproveitamento de aspectos estritamente linguísticos para o desenvolvimento de um estudo cuja matéria-prima é a linguagem. E, de igual modo, o linguista francês, apesar de deixar claro que empreende um estudo especificamente centrado na língua, também abre espaço para uma questão impensável nos moldes da Linguística *stricto sensu*: a polifonia.

O que este breve estudo buscou apresentar, portanto, foi o fato de que a teoria do dialogismo de Bakhtin e a teoria polifônica de Ducrot podem ser trabalhadas de forma conjunta, visto que há, entre elas, pontos de contato que permitem tal aproximação. É certo, porém, que há diferenças notáveis entre as mesmas, contudo é possível identificar traços comuns que as tornam assimiláveis, o que permite a asserção de que ambas podem ser convocadas com proveito para que estudos linguísticos atinjam um maior grau de explicação.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud et al. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196p.
- \_\_\_\_\_. (1929). *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 181 – 275.
- \_\_\_\_\_. (1979). *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p.
- BARBISAN, L. B.; TEIXEIRA, M. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 16, n. 32/33, p. 161-180, 2002.
- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L.(Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 1-9.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- DUCROT, O. et al. *Les mots du discours*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. 241 p.
- \_\_\_\_\_. (1984) *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218.